

GRADUANDOS EM JORNALISMO TENDEM A ESCREVER LIVROS— REPORTAGEM SOBRE DIREITOS HUMANOS?

Copyright © 2017
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

MARCOS ANTÔNIO ZIBORDI

Grupo de Pesquisa Epistemologia e Diálogo Social, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil.

ORCID: 0000-0003-4818-2117

DOI: <http://dx.doi.org/10.25200/BJR.v13n3.2017.994>

RESUMO - O objetivo deste artigo é apresentar resultados atualizados de incipiente pesquisa sobre produção de livros-reportagem (Lima, 2009) por graduandos de Jornalismo. Relacionamos três conjuntos de dados para sustentar a premissa de que esses autores tendem a pautar temas humanitários, independente da região do Brasil e do tipo de curso, público ou particular. Uma instituição de ensino privada da capital paulista está sendo sistematicamente pesquisada e neste artigo publicamos resultados entre 2015 e 2017 referentes aos produtos jornalísticos realizados pelos concluintes, sobretudo livros-reportagem. Essas informações são cruzadas com os trabalhos vencedores de duas premiações nacionais, a da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a da Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), cujos produtos jornalísticos e temas selecionados em certames anuais adotam a mesma perspectiva daqueles produzidos na instituição paulistana pesquisada, indicando que, por enquanto, pelo menos a hipótese desta pesquisa se justifica.

Palavras-chave: Jornalismo; Livro-reportagem; Narrativa; Abraji; Expocom.

GRADUANDOS EN PERIODISMO TENDEN A ESCRIBIR LIBROS-REPORTAGEN SOBRE DERECHOS HUMANOS?

RESUMEN - RESUMEN - El objetivo de este trabajo es presentar los resultados actualizados de la investigación incipiente en la producción de libros-reportaje (Lima, 2009) de los estudiantes universitarios de periodismo. Tenemos una lista de tres conjuntos de datos para apoyar la premisa de que estos autores tienden a basarse cuestiones humanitarias, con independencia de la región y el tipo de curso, pública o privada. Una institución educativa privada de la capital del estado se está investigando

y este artículo publicado resultados entre 2015 y 2017 en relación con productos periodísticos realizados por los graduados, especialmente los libros-reportaje. Esta información es una referencia cruzada con los ganadores de dos premios nacionales, la Asociación Brasileña de Periodismo Investigativo (Abraji) y la Exposición de Investigación Experimental en Comunicación (Expocom), cuyos productos y temas seleccionados periodística en concursos anuales adoptan la misma perspectiva de producido en la institución de Sao Paulo investigado, lo que indica que, al menos por ahora la hipótesis de esta investigación se justifica.

Palabras clave: Periodismo; Libro-informe; Narrativa; Abraji; Expocom.

DO UNDERGRADUATE JOURNALISM STUDENTS TEND TO WRITE REPORT-BOOKS ON HUMAN RIGHTS?

ABSTRACT - The objective of this article is to present updated results of incipient research on report-book production (Lima, 2009) by journalism undergraduate students. We relate three data sets to support the premise that these authors tend to focus on humanitarian topics, regardless of the Brazilian region and the course type, public or private. A private educational institution in the city of São Paulo is being systematically researched and in this article we publish results between 2015 and 2017 regarding the journalistic products made by the undergraduate students, mainly report-books. This information is intersected with the winning works of two national awards, the Brazilian Association of Investigative Journalism (Abraji) and the Experimental Research in Communication Exhibition (Expocom), whose journalistic products and selected topics in annual competitions adopt the same perspective of those produced in the researched institution of São Paulo, indicating that, for the time being, at least the hypothesis of this research is justified.

Key words: Journalism; Report book; Narrative; Abraji; Expocom.

1. Uma pergunta difícil de responder

Este é o segundo artigo que escrevemos para atualizar incipiente pesquisa sobre livro-reportagem. O recorte específico é a formação do jornalista¹ e aqui comparamos resultados de concursos nacionais para graduandos autores de livros-reportagem com a produção dos mesmos formatos em um Centro Universitário particular com expressivo número de alunos de Jornalismo na capital paulista, cerca de 1.300 matriculados no primeiro semestre de 2017, o maior contingente deste curso na cidade.²

Pretendemos explorar o seguinte: há tendência a pautas humanitárias quando os graduandos escolhem escrever um livro-reportagem? Em outras palavras: estariam eles percebendo diversos tipos de marginalizados como protagonistas sociais?

Essas questões, cujo interesse científico e pedagógico nos parecem evidentes, correm o risco de nunca serem respondidas a

contento porque há limites que mesmo o menos ambicioso método quantitativo pode não superar já nesta fase inicial da pesquisa, na qual começamos a coligir dados básicos, como a quantidade, o tema e os tipos de trabalhos realizados na conclusão dos cursos brasileiros de Jornalismo. Contudo, entendemos que tais dificuldades justificam mais ainda a necessidade de saber melhor, quais formatos e temas os graduandos escolhem para seus trabalhos finais, sendo este artigo parte do esforço relativo ao livro-reportagem.

Por ser um dos primeiros artigos desta pesquisa que reputamos inédita ou, no mínimo, embrionária, consideramos importante começar discutindo as dificuldades metodológicas de indexação. O primeiro obstáculo ao pesquisador é o descaso generalizado para com as produções da graduação, nem sempre catalogadas nas bibliotecas virtuais, menos ainda disponíveis para consulta material. Em campo, constatamos que quando os relatórios de pesquisa estão nas prateleiras, os produtos decorrentes, sobretudo livros, quase nunca estão. Num mundo em que produções científicas são facilmente encontráveis via internet, ao pesquisador interessado na formação de jornalistas a via possível para captar informações é ainda artesanal: pressupõe entrar em contato com cada coordenador de curso por e-mail, telefone e em geral pessoalmente. Daí que, até o momento, vislumbramos a possibilidade de, no máximo, realizar levantamentos indicativos e pontuais, pouco seguros em sua abrangência.

Isso porque mesmo quando é possível obter dados sobre os produtos jornalísticos desenvolvidos em cursos com grande número de alunos, como ocorre neste artigo, a grandeza numérica acaba limitada a uma cidade ou parte dela, como tende a ocorrer na capital paulista, onde as diferenças sociais são gritantes dependendo de onde se localiza a instituição pesquisada, sobretudo quando incluímos as cidades do entorno.

Outra limitação do dado pontual não se refere somente ao fato de ele ser sempre recorte do contexto, mesmo que, isolado, figure como numericamente expressivo. É enorme o desafio de formar séries históricas mínimas, ainda que de uma mesma instituição de ensino. A organização desses dados muitas vezes depende do empenho pessoal de coordenadores e auxiliares com excessiva carga de afazeres em postos de trabalho de alta rotatividade.

O pesquisador interessado na formação de jornalistas lidará constantemente com informações fragmentárias e deverá ativar a

imaginação metodológica para construir bases de dados minimamente confiáveis. Levantamentos mais ambiciosos, como panoramas nacionais, só serão possíveis no âmbito de projetos integrados envolvendo pesquisadores de diversos níveis, da iniciação científica até a pós-graduação, dado o volume de trabalho e o tempo necessário, pois “a exatidão tem um custo, proporcional à escala e complexidade da operação; e este custo é proibitivo” (Besson, 1995, p. 28).

Nesse sentido, esta pesquisa, cujos resultados atualizados até 2017 apresentamos neste artigo, é declaradamente incentivadora de futuros mapeamentos abrangentes, realizáveis por quantos cientistas quiserem e puderem. Para nós, é incompreensível que nem o mercado de trabalho, nem instituições de ensino ou governamentais tenham grande interesse nas produções dos graduandos, tanto do ponto de vista dos formatos escolhidos (produtos radiofônicos, audiovisuais, virtuais, impressos e monografias), quanto do ponto de vista das temáticas (sociais, culturais, econômicas, políticas, esportivas).

O apelo por mapeamentos abrangentes poderá indicar tendências confiáveis. Para usar duas expressões teóricas aproveitadas também por Edvaldo Pereira Lima (2009) ao definir livro-reportagem, o procedimento de pesquisa em relação às produções dos graduandos em Jornalismo deveria ser horizontal e vertical, ou seja, levantar tipos e temas, se possível nacionalmente, ou por grandes regiões, e verticalizar a abordagem com o mínimo de perspectiva temporal, pois os produtos jornalísticos desenvolvidos em instituições públicas e privadas ressoam mutáveis tendências profissionais quanto à linguagem, como o atual furor com os blogs de moda, as perspectivas oferecidas pelo mercado de trabalho, como a irreversível virtualização dos conteúdos, influências diretas de docentes ligados a este ou aquele formato informativo e até continuidades culturais, como na capital paulista, onde a produção de livros-reportagem por graduandos de Jornalismo parece estar inicialmente ligada à Universidade de São Paulo (USP), onde pesquisadores como Cremilda Medina ainda atuam.

Ela organizou, a partir de 1987, a série de livros-reportagem *São Paulo de perfil*, com 27 edições sobre temas da metrópole (Medina, 1994). As narrativas registradas nesses livros pautaram, sobretudo, a periferia, e conforme cartografia de Santana (2009, p. 142), as obras trataram de locais como Engenheiro Marsilac, no extremo da zona Sul, até a Vila Nova Galvão, no limite Norte, chegando também à Vila Pernambuco, no final do lado Leste.

O trabalho de outro professor da USP, Edvaldo Pereira Lima, também tem forte incidência na formação de diversos profissionais. Sua tese de doutorado defendida em 1990 e publicada no livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, com diversas reedições, é referência, sendo usada neste artigo a versão que mereceu maior ampliação e atualização, de 2009. Lima fundou a Academia Brasileira de Jornalismo Literário, que oferece cursos de pós-graduação desde 2005.

Se há possíveis continuidades entre a produção teórica e a prática do livro-reportagem nos cursos de Jornalismo da capital paulista, novamente apontamos a necessidade de mapeamentos que não podem ficar restritos às instituições de ensino, como a por nós pesquisada. Considerando essa necessidade de ampliação e percepção mais complexa, cruzamos os dados da instituição particular paulistana com duas premiações nacionais para livros-reportagem de graduandos em Jornalismo, procurando perceber a trajetória das obras que conseguem extrapolar o âmbito do seu próprio curso e instituição, merecendo a distinção de associações representativas de profissionais e de pesquisadores.

Contudo, inevitavelmente enfrentamos outros problemas metodológicos ao incluirmos nesta pesquisa as premiações da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom). Elas premiam anualmente trabalhos considerados relevantes e este recorte, apesar de peneirar as (consideradas) melhores produções, novamente apaga o contexto, pois os trabalhos desclassificados e, mais ainda, aqueles que sequer concorreram, fazem parte do conjunto da produção dos graduandos em Jornalismo no Brasil. Assim como na literatura distorções ocorrem pelo privilégio a determinado cânone, ao elegermos obras jornalísticas em livro deixamos para trás outras cujas temáticas e demais aspectos podem ser muito diferentes da tendência indicada pelos premiados da Abraji e da Expocom.

Apontar obstáculos que, no limite, poderiam inviabilizar esta pesquisa, equivale ao alerta crítico sobre os procedimentos quantitativos. Não fazemos odes ao cartesianismo, ao positivismo, nem às possibilidades crescentes de acesso e produção de bancos de dados (Medina, 2008; Thiollent, 1987). Há inúmeros problemas, em geral escamoteados, em se construir a opinião a partir de dados recolhidos de terceiros, como na aplicação de questionários que os respondentes interpretam de diferentes formas, com diversificados

interesses e níveis de atenção, listas de questões rigidamente estruturadas, mas de fato muito maleáveis, apesar de não parecerem, como também não se pode desconsiderar a complexidade das incidências relativas aos locais de aplicação dos questionários, aos critérios de inclusão e descarte de respostas, às possibilidades de implicitamente direcioná-las com perguntas, como em enquetes eleitorais, entre outras subjetividades inerentes que “podem variar tanto em sua intensidade como em sua expressão, segundo as circunstâncias, os lugares, os interlocutores ou as situações” (Besson, 1995, p. 225).

A pretensa verdade dos números engana; por isso, em relação aos dados sobre a produção de livros-reportagem do Centro Universitário paulistano apresentados no próximo tópico e indicativos de significativa produção privilegiando temas humanitários, é preciso matizar apressadas generalizações com a informação de que a maioria dos alunos não são economicamente privilegiados. Por isso a tendência a tais temas pode ter relação com a trajetória do alunado e talvez o mesmo não ocorra em cursos com perfil socioeconômico diferente, apesar das premiações nacionais para livros-reportagem de graduandos em Jornalismo reforçarem a tendência temática humanitária, em trabalhos de instituições públicas e privadas, de várias regiões do Brasil (utilizaremos neste artigo expressões como “humanitário” e “humanizado”, mas o sentido preciso se refere aos direitos assegurados no Plano Nacional de Direitos Humanos, em sua terceira versão no Brasil, conforme explicaremos em seção teórica posterior).

Diante de tantas limitações possíveis, por que empreender esta pesquisa? Primeiramente porque a proposta pretende, por si mesma, chamar a atenção para a relevância científica e prática dos produtos jornalísticos desenvolvidos pelos graduandos como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). Do ponto de vista epistemológico, isso significa que não compartilhamos valores cujas matrizes foram anunciadas há 380 anos em *Discurso do método*, de René Descartes (2001). Pensando com outro francês, Edgar Morin, hierarquizações preconceituosas entre a produção da graduação e da pós são fruto do “paradigma da simplificação” que opera destruindo “os conjuntos e as totalidades” e isolando “todos os objetos daquilo que os envolve” (Morin, 2010, p. 18).

Além da relevância da produção de livros-reportagem, essa pesquisa procura avançar, inclusive como aprendizado metodológico, até os limites possíveis da obtenção de informações sobre as longas

narrativas jornalísticas em livro e suas temáticas, pois só assim poderemos conhecer a medida da incompletude e poderemos vislumbrar, quem sabe, alternativas para um mapeamento abrangente.

Há também a necessidade da pesquisa sobre livro-reportagem trilhar caminhos diferentes da recorrente abordagem literária, num movimento revelador desta boa notícia para quem se preocupa com a formação dos graduandos: eles podem estar assumindo pautas soterradas, humanitárias, ligadas aos problemas e soluções de populações marginalizadas, optando assim por uma produção jornalística de caráter mais utópico, inclusive realizando alentados desejos de escrever um livro, comum entre alunos de Jornalismo.

A confirmação dessa tendência engajada poderia reajustar a impressão daqueles que, como o escritor e jornalista João Antônio, são críticos implacáveis da profissão. Em um texto fundamental intitulado *Abraçado ao meu rancor* (2001), o autor trata dos dilemas do repórter. Um narrador confessional recebe pauta sobre turismo em São Paulo, motivo para esmiuçar frustrações jornalísticas. Ele reclama da perda gradual da liberdade, do compromisso ético, do estilo e, no tocante ao tema central deste artigo, não pode deixar de admitir, quando passa a fazer parte da chamada classe média, seu inegável distanciamento, assim como o de seus colegas, em relação aos principais problemas da maioria da população, o povo trabalhador lotando ônibus e trens da capital paulista. Desiludido, o repórter-narrador-autobiográfico chega a picos de ofensa: o Jornalismo “sequer é uma profissão de pessoas decentes”:

Pior é, no país, o sujeito que, escritor, se mete a também jornalista. Aí, perderá potencial maior – o tempo, a vergonha, o talento e o estilo. Além, claro, de correr outros riscos sérios da dor inútil. Bate-lhe o envelhecimento precoce, a velhice íntima, baixa-lhe impotência, medo, mais as deformações e vícios pequenos da classe média. Vai bufonear o tempo todo para ela – e jamais orbitar fora do alcance dela – e se iludir, ardiloso e frenético, pelos bares a dizer, só depois de bebido, que não pertence a ela. Virou até moda, por exemplo, a proclamação de que se é um marginal da classe média. Ou merdeia. A segunda forma, num tempo em que o jogo de palavras e o uso da palavrada passaram a valer como sinal de talento, é mais elegante. Merdeia. Podendo grafar isso, então, é o fino do espírito. Atualizado, renovador e progressista. Compõe bem. Soa a criativo (Antônio, 2001, p. 84).

O livro-reportagem é campo fértil para equívocos entre Jornalismo e Literatura, debate que tende a ser predominante, como se a preocupação primordial, do ponto de vista da produção e da teoria do livro-reportagem devesse invariavelmente alentar demandas

em torno de questões jornalístico-literárias. Neste artigo, porém, adotamos outro viés, relativo aos direitos humanos assumidos como tarefa pelo Estado brasileiro.

Se, como descreve João Antônio, a prática profissional vai minando forças e ideais, os graduandos em Jornalismo que optam pelo livro-reportagem parecem conseguir realizar improváveis utopias, como estarem afetos a causas de apelo social e democrático, exercitarem o prazer da escrita em longas narrativas emancipadoras de paradigmas reducionistas (MEDINA, 2016), como também têm a chance de concluir o curso tendo teorizado e produzido formato jornalístico em tese mais aprofundado.

2. Procedimentos metodológicos

Considerando os cuidados e dificuldades da pesquisa, neste tópico pretendemos descrever e justificar as escolhas metodológicas para indexação inicial dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) brasileiros de Jornalismo, especificamente aqueles realizados como livro-reportagem. Obrigatórios, esses trabalhos são individuais ou em grupo, produzidos na etapa final da graduação, no último ou nos dois últimos semestres. Eles são precedidos de projeto de pesquisa atendendo itens obrigatórios como justificativa, referencial teórico, objetivos, metodologia e calendário. Além da reflexão formal em linguagem acadêmica, o produto prático deve materializar aquilo que foi teorizado. Com pequenas variações quanto aos tipos possíveis em cada curso Brasil afora, os graduandos poderão realizar monografias e produtos jornalísticos para rádio, televisão, Internet e impressos como jornal, revista e livro-reportagem, formato que começamos a entender nesta pesquisa.

O TCC é um momento de culminância na formação do jornalista e nosso interesse por ele por enquanto interroga o essencial: qual o tipo de produto jornalístico o graduando escolhe e quais temas prefere pautar? Quanto ao livro-reportagem, perguntamos ainda o quanto ele representa no conjunto dos formatos produzidos e premiados.

São essas três perguntas que fizemos às fontes de pesquisa. Em relação aos TCCs, recorreremos a planilhas fornecidas pela coordenação do curso de Jornalismo da instituição particular pesquisada, com representativo número de alunos alocados em duas unidades e em diferentes regiões da capital paulista, entre 2015 e 2017.

Nas planilhas semestrais constam dados sobre os TCCs como os nomes dos orientadores e orientandos, título dos trabalhos, formatos escolhidos, além de data e local de apresentação. Retivemos as informações indicadas na tríade de questões sobre formato, tema e representatividade e os resultados serão apresentados e discutidos em tópico posterior. Por enquanto, basta dizer que o livro-reportagem é o formato preferido entre produtos radiofônicos, televisivos, virtuais, impressos e monografias.

Além das planilhas, que podem indicar preferência perene pelo livro-reportagem na instituição pesquisada, procuramos avançar na percepção da temática que caracterizaremos como humanitária e então recorremos a uma coletânea de reportagens produzida na mesma instituição em 2016 (Zibordi), em que constam textos posteriormente ampliados como TCCs no formato livro-reportagem.

Apesar dos instigantes subsídios obtidos, a inquietação quanto ao delineamento de um possível panorama brasileiro nos levou a pesquisar relevantes premiações nacionais para TCCs, especificamente duas delas, uma de caráter profissional, outra acadêmica, através das quais é possível conhecer os diversos formatos jornalísticos realizados pelos graduandos concorrentes e também selecionar o subconjunto que nos interessa, o livro-reportagem.

Assim como na instituição particular paulistana pesquisada, novamente perguntamos sobre os formatos, os temas e a representatividade dos TCCs concorrentes nos certames anuais da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e da Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom). Os prêmios não envolvem valores monetários, mas são relevantes enquanto distinção, sobretudo a um formando, que pode apresentar ao mercado ou à Academia seus promissores resultados.

Em relação às duas premiações, além das três respostas indicadas nas questões, também obtivemos outras informações relevantes. Começamos pela Abraji. Trata-se de associação de profissionais sem fins lucrativos que não recebe verbas governamentais. Fundada em 2002, promove diversos cursos, sobretudo via Internet e seminários internacionais anuais presenciais visando o aprimoramento de jornalistas e estudantes, além de publicar obras de referência sobre temas investigativos. Entre outras realizações destacáveis, a Abraji pressionou decisivamente pela aprovação da Lei de Acesso a Informações em 2011, que permite a qualquer cidadão brasileiro requerer dados da administração

pública, possibilidade legal extremamente valiosa para investigações jornalísticas. Em 15 anos de atuação, a Abraji se tornou importante associação de profissionais brasileiros.

Desde 2014, ela premia TCCs anteriormente orientados e aprovados em instituições públicas e privadas nas categorias monografia, audiovisual, fotografia, livro-reportagem e produção multimídia. Apesar do pouco tempo de existência, quatro premiações até 2017, o certame nos importa pela abrangência nacional e por ser promovido por profissionais, permitindo inclusive distinguir a reportagem em livro dos outros formatos. Se continuar, seus resultados poderão constituir linha do tempo de interesse para esta pesquisa; contudo, a abrangência impõe sua própria restrição, sobretudo porque a Abraji não divulga informações sobre os trabalhos inscritos, a não ser o total deles. Quanto aos premiados, são disponibilizados os arquivos eletrônicos das produções. Obtivemos esses arquivos e extraímos informações para constituição de uma tabela, comentada em seguida, na qual, além da tríade de perguntas básicas a nos nortear, indicamos a instituição de origem do trabalho. Quanto aos livros-reportagem, comentaremos duas obras vencedoras, uma de 2016 e outra de 2017.

A outra premiação investigada, a Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), não disponibilizada arquivos digitais dos trabalhos práticos dos alunos de Jornalismo, portanto não os lemos nesta fase da pesquisa, mas publica em seus Anais os artigos científicos escritos pelos concorrentes nas fases regionais e na nacional – lemos esses artigos finalistas, sobretudo para verificar a hipótese humanitária indicada desde os títulos das obras vencedoras arrolados nas tabelas das premiações anuais instituídas desde 2012, em que constam os vencedores de todas as categorias e subcategorias.

Na primeira fase da Expocom, as instituições de ensino indicam os trabalhos concorrentes. Os projetos são então apresentados nos encontros regionais, que envolvem sustentação oral de artigo científico. Ocorrem anualmente cinco encontros em diferentes regiões do Brasil, culminando com um encontro nacional.

Os alunos podem concorrer em seis categorias com variável número de subcategorias, tendo a modalidade Jornalismo 16 possíveis, entre elas o livro-reportagem. A premiação da Expocom é parte dos encontros anuais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), o maior da área no Brasil, realizado há 40

anos, desde 1977. Reúne estudantes e pesquisadores de graduação e pós-graduação em diferentes cidades a cada ano, distribuindo outros prêmios além do que interessa nesta pesquisa. Na Expocom, só um trabalho é vencedor em cada subcategoria.

Importante mencionar que ainda não realizamos um investimento que merecerá artigo posterior específico: a análise de todos os artigos publicados e das obras dos concorrentes da Expocom na categoria livro-reportagem desde 2012, apresentados nas fases regionais e na nacional. Esse investimento analítico certamente confirmará ou refutará nossa premissa sobre o viés humanitário das obras, inclusive no que diz respeito à bibliografia mobilizada pelos graduandos. Por enquanto, listamos as longas narrativas jornalísticas em livro vencedoras da Expocom, sobre as quais teceremos considerações iniciais em seção posterior.

3. Livro-reportagem e direitos humanos

A compreensão do livro-reportagem enquanto produto jornalístico capaz de superar restrições da cobertura da imprensa diária pressupõe que a narrativa de fôlego pode avançar no “aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos de informação jornalística” (Lima, 2009, p. 4).

Segundo Lima, o livro-reportagem deve tanto estender quanto verticalizar a abordagem – no plano da extensão horizontal estão as quantificações (levantamentos numéricos, por exemplo), enquanto no vertical, intensivo, estão as informações de caráter qualitativo:

Na melhor hipótese, o livro-reportagem apresenta-se com aprofundamento igualmente extensivo e intensivo. No primeiro caso, o número e a qualidade dos detalhamentos enriquecem a narrativa para um grau de informação idealmente superior ao dos veículos cotidianos. No segundo, a verticalização solidifica a real compreensão do tema e de sua precisa inserção no contexto contemporâneo (Lima, 2009, p. 40).

Para atender a esses pressupostos, o livro-reportagem amplia os limites dos procedimentos comuns de captação, redação e edição jornalísticas, a começar pela temática, que não deve se restringir aos assuntos previstos pelas editorias historicamente estabelecidas, como política, economia, esporte e cotidiano – e mesmo que o assunto

seja enquadrável em alguma delas, os resultados serão diferentes na cobertura em profundidade.

Nesse sentido, se chegarmos a confirmar a tendência a pautas humanitárias nos livros-reportagem de graduandos em Jornalismo poderemos demonstrar com segurança uma divergência de fundo em relação à cobertura noticiosa cotidiana, que historicamente despreza tais abordagens.

Se a temática do livro-reportagem é, no limite, qualquer uma de interesse humano, a longa narrativa jornalística em livro não se pauta, a princípio, por ocorrências reportadas pelas editorias dos noticiosos diários, impressos ou virtuais, mas por eventos históricos de maior duração, exceto quando o fato atualíssimo justifica imediato início de investigação em profundidade, mesmo antes de definidos os contornos finais da trama.

A execução da pauta pressupõe, entre outros requisitos, o ativar dos sentidos e percepções, o “ver” ao invés do mero “olhar”, o aguçar dos ouvidos para melhor dialogar, de preferência com muito mais fontes do que as comumente autorizadas. Os procedimentos de captação de informações deverão ser mais ambiciosos e complexos, próximos aos científicos, evitando limitações comuns, como nas idas a campo. Conforme ironiza Lima, “se não é aplicável o esquema de perguntas e respostas programadas, o repórter acha que não está diante de um fato jornalístico” (2009, p. 90).

As observações podem ser intensas, demoradas, participantes. E, quanto às entrevistas, elas pressupõem um sentido específico de humanização, conforme Cremilda Medina (1995). Para ela, a palavra ideal para nomear o procedimento jornalístico não seria propriamente “entrevista”, mas “diálogo”, ambicionado como o mais pleno possível, fluente, paritário e aberto. Se o diálogo ocorre, não se trata mais da relação entre sujeito e objeto (ou entrevistado objetificado), mas do encontro entre sujeitos dispostos a ouvir e aprender, reciprocamente.

A narrativa oscila então entre a cena do acontecer e o mundo das ideias e dos dados objetivos mensuráveis. A razão analítica amplia o desempenho técnico impelida pela experiência sensível do contato, da ida a campo e do fato de estar afeito ao acontecer humano. A ética solidária lubrifica a técnica, que se expressa numa ação original, a da Autoria da assinatura coletiva (MEDINA, 2010, pp. 152-153).

Além das possibilidades ampliadas de temática, pauta e processos de captação de informações para o livro-reportagem, do ponto de vista textual as escolhas são autorais, desde a armação

geral da narrativa, podendo, por exemplo, ser linear ou não, até a construção de narradores inusuais e da adoção de escrita desviante do padrão normativo, emancipada do já caracterizado “preconceito linguístico” (Bagno, 2007).

Com esse indicativo mínimo da maneira como subsidiamos nossa compreensão sobre o livro-reportagem, fizemos referência à primeira metade da obra de Edvaldo Pereira Lima, relativa ao processo jornalístico ampliado; a segunda parte trata das relações literárias, desdobramento que não nos interessa neste artigo.

Nosso eixo central de discussão, conforme estamos demarcando, são as pautas humanitárias nos livros-reportagem produzidos por graduandos em Jornalismo. Daí ser importante situar como as entendemos: quando falamos nos atualmente tão debatidos “direitos humanos” temos em vista, a princípio, a Declaração Universal dos Direitos Humanos³ e o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros – o primeiro documento assegura mínima dignidade a todo humano ser, direitos indispensáveis como segurança, saúde, educação, trabalho e liberdade de expressão. O Código de Ética⁴, por sua vez, estabelece como dever do jornalista “opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem”.

Ao adotarmos uma perspectiva jurídico-política dos direitos humanos, pensamos que ela coaduna não só com os interesses deste artigo, mas também com o estabelecimento de parâmetros legais de caráter humanitário no Brasil, cuja trajetória recente pode ser demarcada pela violação desses mesmos direitos durante a ditadura militar, entre 1964 e 1984, e a sua posterior, lenta e problemática implementação por órgãos governamentais nos últimos trinta anos de redemocratização (Vieira, 2005, Adorno, 2010, Engelmann, Madeira, 2015). Assim, se o avanço desta pesquisa puder constatar que as longas narrativas jornalísticas em livro produzidas por graduandos em Jornalismo reportam temas de interesse humanitário, ou pelo menos aqueles resguardados em lei, eles estariam não só ampliando a cobertura do tema em relação à imprensa cotidiana, mas também expressando sintonia com atualíssimos paradigmas gradativamente assumidos pelo Estado brasileiro, em que pesem todas as dificuldades e críticas justificáveis quanto à legislação nem sempre ser aplicada.

Conforme nos lembra Brito (2013), tais direitos dependem muito mais do seu reconhecimento pelos Estados do que a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU faz acreditar. No Brasil, conforme

Engelmann e Madeira (2015), no último meio século transitamos entre a supressão de direitos humanos e dificultosa adoção institucional. A defesa dos mesmos inevitavelmente avultou no enfrentamento à Ditadura, que suspendeu a ordem jurídica e política, destacando-se, entre outros, o ativismo de advogados ligados a setores da igreja católica. A confluência posterior, nos anos 80, gera reivindicações que redundarão em estruturas burocráticas, estatais ou não, mas com tendência à articulação, e na diversificação da pauta dos direitos humanos.

Durante a Ditadura, a criação da Comissão de Justiça e Paz, em 1969, “se afirma como um dos marcos da articulação da causa dos Direitos Humanos no Brasil” (Engelmann; Madeira, 2015). Ligada à igreja católica, a Comissão fundou um núcleo de defesa de presos políticos com advogados cuja atuação é relevante para a institucionalização de direitos humanos no Brasil, tendo contestado jurídica e publicamente o regime militar, publicado doutrinas e atuado para garantir dispositivos humanitários na Constituição de 1988. “Ocupam, também, postos públicos importantes na década de 90, no momento em que começam a ser construídas as estruturas burocráticas que promovem a causa dos direitos humanos como uma “causa de Estado” (p. 626).

Os avanços foram paulatinos, mas é notável que já em 1982, ainda durante o regime militar, tenha sido fundado o Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH). Contudo, como sublinham os autores citados, “o processo de institucionalização não implica uma legitimação social no mesmo ritmo” (p. 627), tendo o Movimento enfrentado dilemas nas últimas décadas, alguns deles oriundos da relação com o Estado (Vieira, 2005).

O passo institucional significativo que nos interessa nesta pesquisa é a edição do I Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), em 1994, e a criação, em seguida, da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, ligada ao Ministério da Justiça e encarregada de executar o PNDH. Tanto no primeiro, quanto no segundo (2002) e terceiro (2009) planos nacionais, o Estado brasileiro reconhece sua obrigação de promover os direitos humanos.

Visando relações com os temas dos livros-reportagem, em relação às previsões do I PNDH, de 1994, destacamos a transferência de julgamento de policiais militares para a justiça comum, a tipificação do crime de tortura e a criação do Estatuto dos Refugiados.

O II PNDH, com 518 medidas, incorporou e ampliou as críticas feitas ao Plano anterior. Foram garantidos direitos ligados à livre orientação sexual e identidade de gênero, proteção de ciganos, combate

ao trabalho infantil, reforço de medidas contra violência familiar e atenção a pessoas portadoras de necessidades especiais. E, fundamental em sua confluência com os temas dos livros-reportagem dos graduandos em Jornalismo, são garantidos direitos aos afrodescendentes.

O III PNDH, de 2009, o mais extenso deles, resultou de demandas oriundas de 50 conferências temáticas realizadas desde 2003, nas quais foram eleitos 1.200 delegados e 800 observadores e convidados. As medidas previstas que nos interessam na relação com as pautas dos graduandos autores de livros-reportagem geraram polêmicas midiáticas, como a proposta de se criar uma Comissão Nacional da Verdade, a descriminalização do aborto, a união civil entre pessoas do mesmo sexo, a adoção de mecanismos de mediação em conflitos urbanos e rurais, o controle da mídia.

Para Adorno (2010), as três edições incorporam “uma nova concepção de direitos humanos”, em consonância com a Conferência Mundial de 1993, reconhecendo “a indivisibilidade dos direitos humanos: direitos humanos não são apenas direitos civis e políticos, mas também direitos econômicos, sociais, culturais e coletivos, o que é uma grande novidade na história social e política republicana no Brasil.” (p. 11).

Essas dificuldades – cujo epíteto distorcido e popularizado é “direitos humanos são direitos para proteger bandidos” – nos fazem pensar na produção de livros-reportagem dos graduandos em Jornalismo desempenhando importante papel na legitimação de pautas humanitárias. Apesar da atualidade do tema, a imprensa brasileira ainda produz programas jornalísticos perniciosos, vide os televisivos ao estilo de José Luiz Datena e seu *Brasil Urgente*. Nessas coberturas, toda a frágil noção de direitos humanos que ainda se constrói no Brasil é literalmente bombardeada.

Por outro lado, conforme esta pesquisa intui e pretende confirmar, os graduandos em Jornalismo parecem optar justamente por produzir livros-reportagem pautando temas afetos aos direitos humanos, quase todos encontráveis nos três Planos Nacionais mencionados.

Tentemos, no próximo tópico, um pequeno passo compreensivo: cruzar os resultados de premiações para graduandos de Jornalismo, autores de livros-reportagem, com a produção dos mesmos num Centro Universitário da capital paulista procurando respostas às três interrogantes iniciais que movem esta pesquisa: quais os tipos, temas e a representatividade da longa narrativa jornalística em livro.

4. Graduandos assumindo causas?

Conforme afirmamos, coligimos informações sobre TCCs de Jornalismo em instituição privada, pesquisada na capital paulista entre 2015 e 2017. Os dados das planilhas semestrais, dissemos, são bastante completos. Com essa riqueza de informações, que infelizmente nem sempre estará disponível, essas planilhas devem ser revisitadas. Por enquanto, realizamos pequena extração de dados com base nos três eixos que nos interessam.

Quando somamos o total de projetos e subtraímos do conjunto a quantidade de livros-reportagem, constatamos a preferência pela longa narrativa jornalística em livro, indicador que para ser admitido como tendência precisa ser verificado por mais tempo não só na instituição pesquisada, mas sobretudo em outros cursos da mesma cidade e também de diferentes regiões do país, públicos e particulares, possivelmente cruzando as produções, como estamos propondo, com resultados de premiações de associações profissionais e científicas. Num ambiente cada vez mais virtual, pode ser espantoso constatar a preferência pelos livros, ainda mais se pudermos ter alguma segurança sobre a tendência temática.

Na instituição pesquisada constatamos que o livro-reportagem representa 42% das produções dos graduandos entre 2015 e 2017. O restante são trabalhos radiofônicos, audiovisuais, multimidiáticos, impressos e monográficos. A porcentagem representa 174 livros num universo de 409 trabalhos.

Tabela 01 – Produção de TCCs no FIAM FAAM

	LIVRO-REPORTAGEM	OUTROS FORMATOS	TOTAL
2015-1	07	19	26
2015-2	42	49	91
2016-1	12	24	36
2016-2	44	63	107
2017-1	29	29	58
2017-2	40	51	91
	174	235	409
	42%		

FONTE: Planilhas fornecidas pela coordenação.

As pautas desses trabalhos são sugeridas por alunos e professores, que começam a desenvolver o projeto teórico no penúltimo semestre da graduação, realizando o livro-reportagem no último. O tema geral acaba sendo, na maior parte dos casos, algumas das principais demandas previstas nos planos nacionais de direitos humanos como racismo, preconceitos com as sexualidades, problemas econômicos, educacionais, de trabalho e transporte público, pautados muito por conta do perfil dos alunos, diversos deles oriundos das periferias da capital paulista e cidades ao redor.

Exemplar da tendência temática de apelo social verificável nos produtos desenvolvidos na instituição pesquisada é a primeira coletânea de textos dos graduandos, publicada em 2016, com reportagens que visam habilitá-los para a redação do livro-reportagem no último semestre. A série intitulada *Textos para livro-reportagem* (Zibordi, 2016), trata de crianças desaparecidas e transgêneros infantis, grávidas em situação de rua, vendedores ambulantes, agressão a mulheres, jornalismo na periferia, a vida de haitianos, libanesas e presas estrangeiras no Brasil, preconceito linguístico no cotidiano dos pobres, o assassinato do MC Daleste, cantor de funk da zona Leste da capital paulista, e outras pautas correlatas.

Também em 2016, um livro-reportagem produzido no ano anterior na instituição pesquisada, cuja reportagem embrionária constava na coletânea acima referida, foi um dos vencedores da premiação da Abraji, uma das instituições cuja premiação elegemos para esta pesquisa. Jennifer Vargas Rodrigues reportou a sangrenta história das mais de 500 mortes ocorridas em São Paulo após os ataques de 2006 promovidos pelo Primeiro Comando da Capital (PCC). Escrito quase uma década depois, quando pouquíssimo se havia avançado na resolução do caso, o livro-reportagem foi apresentando junto a mais três trabalhos também premiados e da mesma natureza jornalística no 11º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).⁵

O livro-reportagem reconstitui os “crimes de maio”, em referência ao mês em que centenas de inocentes morreram em chacinas pelas mãos de suspeitos encapuzados. Também atualiza a pauta narrando a batalha dos parentes por justiça e entrevistando, especialmente, mulheres organizadas em grupos de mães, esposas,

parentes e amigos próximos aos vitimados. No mesmo certame, as outras obras selecionadas apontam novamente para a pauta dos direitos humanos: um dos livros-reportagem trata de crianças abrigadas pelo Estado (Souza, 2015) e da cracolândia em Belo Horizonte (Ferreira, 2015).

Os dados da Abraji constam em nossa pesquisa desde 2014, quando a Associação instituiu o prêmio para TCCs. Os alunos podem inscrever projetos apresentados em suas instituições de ensino no ano anterior. Quatro trabalhos são escolhidos anualmente, com exceção de 2016, com seis.

Conforme evidencia a tabela a seguir, duas tendências podem estar se configurando no que diz respeito ao formato e à temática dos produtos selecionados para apresentação nos congressos anuais da Abraji: o formato livro-reportagem e suas respectivas pautas humanitárias. Ao comentar os escolhidos de 2015, a Associação afirma que “de maneiras diferentes, todos abordam a pauta dos direitos humanos”.⁶

Somadas as primeiras quatro premiações da Abraji, o livro-reportagem representa dois terços, ou 12 entre 18 trabalhos. Esse dado deve ser matizado considerando a consonância entre a longa narrativa jornalística em livro e os objetivos da Abraji, pois a investigação em profundidade atende tanto ao tipo de jornalismo promovido pela Associação, quanto aos pressupostos do livro-reportagem. Contudo, a relevância dos dados sobre o prêmio da Abraji não está necessariamente na quantidade de trabalhos avaliados nem premiados, mas na abrangência geográfica do certame.

Sem desconsiderar essas e outras complexidades, acreditamos que essa premiação conflui e pode até ampliar nossa premissa de que as pautas dos livros-reportagem dos graduandos em Jornalismo procuram ouvir os apelos e compreender os personagens e fatos historicamente soterrados. A premiação de 2017 escolheu, entre os quatro trabalhos, dois livros, sendo um deles sobre a cultura musical dos *mods*, originariamente britânica, com desdobramentos quase desconhecidos na cena paulistana. No livro-reportagem de André Carmona (2016) os até então ignorados pela narrativa jornalística eram músicos e fãs – apesar de, conforme nos informa o autor, num disco de 1985 a banda paulistana Iral, na última música do lado B, registrar o protesto de que ninguém entende um *mod*.

A obra de Carmona recupera a cena britânica e, sobretudo,

paulistana, ambas fortemente identificadas com sua música, levando o leitor a compreender que havia muito mais do que os Beatles, o tropicalismo, o “rock dos anos oitenta”. Isso do ponto de vista da pauta, que amplia a perspectiva de abordagem da imprensa cotidiana, conforme preconiza Edvaldo Pereira Lima (2009).

Quanto aos procedimentos de captação, a entrevista com o trio de integrantes da extinta banda *Faces e Fases* realiza o esforço de ouvir e fazer dialogar os músicos agora separados. A banda é a primeira *mod* do Brasil, formada “por três jovens da periferia com gostos um tanto quanto incomuns que pretendem montar o equipamento para tocar em cima da laje de casa” (Carmona, 2016, p. 39).

Após entrevistar os músicos separadamente, o autor editou as respostas nos pontos em que os respondentes tratam dos mesmos assuntos. As falas rearranjadas são identificadas com imagens dos instrumentos tocados por cada um dos músicos, pequenos ícones inseridos nas laterais das 45 páginas dedicadas à entrevista, que orquestra três vozes (pp. 44-85).

O apelo visual dessas imagens mínimas e de fotos entremeadas às páginas adianta a leitura e cria respiros visuais à massa textual. Do ponto de vista da teoria do livro-reportagem, a obra promove “fruição pelo texto” (Lima, 2009, p. 134), de forma que a pluralidade de vozes é conjugada à pluralidade de sentidos, tornando a obra polifônica e polissêmica, como convém aos narradores afetos aos ideais democráticos (Medina, 1995, 2014).

A obra sobre rock e o livro-reportagem sobre os assassinatos em São Paulo dimensionam o quanto a premiação reforça a perspectiva de que a longa narrativa jornalística realizada pelos graduandos em Jornalismo pode estar tendendo a temas humanitários. Na tabela a seguir, com as premiações da Abraji, somente a leitura dos títulos, mesmo daqueles encurtados para viabilizar a visualização, indicará ao leitor a possibilidade de a convergência temática ser nacional, independente da região e do tipo de instituição.

Tabela 02 – Premiações da Abraji 2014-2017

2014	FORMATO	INSTITUIÇÃO
Mulheres na prisão	Livro-reportagem	UNEB
Tapete de Chumbo: a história silenciada da cidade brasileira com a maior contaminação...	Livro-reportagem	USP
A saga xavante e os (des)caminhos da reportagem: simbolismos culturais na luta...	Livro-reportagem	UFMT
“Cura Gay”: Há quase 30 anos, a medicina brasileira tomava uma decisão pioneira que...	Livro-reportagem	USP
2015		
13 de Junho - Histórias de uma Noite de Guerra em São Paulo	Livro-reportagem	Metodista (SP)
Mulheres da Encantada	Livro-reportagem	UFC
O grito das prisões: vigiado hoje, punido para sempre	Livro-reportagem	PUC-GO
Silenciados: a violência contra o jornalista no Brasil	Multimídia	Anhembi-Morumbi
2016		
Filho do Estado	Livro-reportagem	Unasp
Crimes de Maio 2006 – os + de 500 assassinatos no revide aos ataques do PCC...	Livro-reportagem	FIAM FAAM
...que acenda a primeira pedra. Ecos da Cracolândia de Belo Horizonte	Livro-reportagem	UFMG
Púlpito e Parlamento: Evangélicos na Política	Documentário	PUC-SP
Esquiva - Agência de Jornalismo de políticas públicas	Agência on-line	Metodista (SP)
Realidades Musicais	Quadrinhos	UFSJ Del-Rei
2017		
Mods: um fenômeno do underground paulistano	Livro-reportagem	FIAM FAAM
Entre Véus e Vozes	Livro-reportagem	Cáspere Líbero
Jornalismo de Dados e cobertura de eleições no Brasil	Monografia	ESPM-RJ
Mercado revistas femininas Brasil: do Espelho AZMina	Monografia	UNIP

FONTE: Site da Abraji.

Sobre os resultados da Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), considerando os vencedores na categoria livro-reportagem entre 2012 e 2016, novamente é possível vislumbrar a abrangência nacional da opção por pautas humanitárias em trabalhos desenvolvidos em cursos públicos e privados.⁷ Ou seja, há possível consonância temática entre os premiados pela Abraji e pela Expocom.

Estamos dando, sabemos, os primeiros passos, mas, a partir da tabela a seguir verificaremos que a pauta humanitária reaparece num universo maior de trabalhos vencedores da Expocom em livro-reportagem.

A Expocom começou premiando em 2012 uma longa narrativa jornalística sobre a sambista Clementina de Jesus, escrita por causa da “grande incidência de pessoas que não conhecem a artista” (Castro;Costa;Kobayashi;Marquesini; Munhoz, 2012). Nos ano seguinte, temática similar pautou o livro-reportagem premiado (Freitas;Santos; Silva, 2013), obra que traça o perfil de Edésio Santos, músico e agitador cultural fundamental para Juazeiro (BA). Despretensioso boêmio, viveu entre 1931 e 1998, tendo sido engraxate, ajudante de pedreiro, relojoeiro e funcionário público. A intenção manifesta dos autores é recuperar a trajetória de alguém que, sem visibilidade nacional, corria o risco de não ter registro jornalístico substancial sobre sua vida.

A base da narrativa são 38 entrevistas e o artigo dos autores premiados menciona como base teórica para a prática jornalística as propostas de diálogo humanizado de Cremilda Medina (1995). As proposições dessa autora citada algumas vezes neste artigo estão relacionadas, para os graduandos e para este autor, sobretudo, à sua obra sobre entrevista enquanto diálogo possível.

E há um sentido preciso de como deve ocorrer essa relação entre entrevistador e entrevistado. A possibilidade de diálogo existe não somente pelo domínio do tema por parte deles, nem é garantido pela técnica rígida de questionários prévios, ou mesmo em longas transcrições do declarante, mas pode brotar no “estar afeto” ao outro, sem qualquer subserviência ou deslumbre. Segundo Medina, essa é uma condição indispensável para qualquer pretensão de dar voz ao outro e às suas causas – tentativa com grandes possibilidades de não passar da pretensão.

Mais do que compreenderem racionalmente propostas

teóricas, os artigos dos autores premiados transbordam cumplicidade para com a pauta que, conforme caracterizamos, está em consonância com temas humanitários assumidos pelo Estado brasileiro. Em suas entrevistas os jovens jornalistas afirmam terem buscado a “construção de uma relação humanizada” (Freitas et al., 2013).

O “estar afeto a” baliza ainda o livro-reportagem premiado em 2014. Escrito por três autoras, narra o cotidiano de quatro detentas do único presídio feminino do Ceará. Na obra, novamente identificamos a consonância teórica com Cremilda Medina. Quando trata da “arte de tecer o presente” (2003), ou seja, de construir narrativas jornalísticas da contemporaneidade, Medina identifica na criação de narradores uma possibilidade real de reportar em sintonia com os paradigmas contemporâneos, como os relativos aos direitos humanos. Não se trata de falar pelo outro, mas com o outro, como fazem as autoras de *Auri, a anfitriã*, nome da voz narrativa construída a partir dos depoimentos das quatro presidiárias. As autoras demonstram bastante consciência sobre essa voz condutora:

A narração vai muito além de uma técnica literária. Ela funciona como o aporte de objetividade, pois a narradora, assim como suas criadoras, narra aquilo que ouviu de suas personagens. Ela representa, ao mesmo tempo, a subjetividade e a objetividade das jornalistas que falam por meio dela (Fernandes; Moura; Pereira, 2016).

Essa afirmação também corrobora com a perspectiva de Lima (2009), para quem o livro-reportagem amplia os limites da cobertura jornalística diária. Com a mesma intenção, a obra premiada pela Expocom em 2015 procurou entender os conflitos na Etiópia, Sudão, Sudão do Sul e Uganda, raramente reportados, em geral em momentos extremos. No artigo científico correspondente, lemos que diante dos entrevistados “começava com uma conversa despretensiosa, sem bloquinhos, só com muita ânsia de conhecer histórias” (Paula; Sá, 2015).

Em 2016, na última premiação anterior à redação deste artigo, a obra selecionada reportou a depressão a partir de pesquisa sobre como pessoas podem representar uma época. Segundo teorizaram os autores, “o livro-reportagem assume um papel significativo na preservação e transmissão de histórias adormecidas na sociedade contemporânea, às margens das

histórias produzidas pelas grandes mídias.” (Faria; Franco; Gonçalves; Leal, 2016).

A narrativa traz relatos de quem toma remédio, de quem procura deixar de tomar, as trajetórias de dores e vitórias na lida com a doença, exemplos de superação e ajuda mútua, além da opinião de especialistas. Assim como o livro-reportagem sobre rock paulistano premiado pela Abraji, o trabalho sobre depressão selecionado pela Expocom amplia as noções de exclusão e marginalidade para além do socioeconômico, ao enveredar por questões relacionadas à arte e saúde.

Tabela 03 – Prêmios para livro-reportagem na Expocom

TÍTULO/AUTOR	INSTITUIÇÃO
2012	
Quelé: a voz da cor, obra e legado de Clementina de Jesus, de Janaina Marquesini Borges Abicair.	Metodista (SP)
2013	
Lento caminhar – Histórias e Canções de Edésio Santos, de Edilane Ferreira da Silva.	UNEB
2014	
Auri, a anfitriã: memórias do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, de Aline de Sousa Moura.	UFC
2015	
Estamos aqui – Histórias das vítimas de conflito no leste africano, de Jéssica Paula Prego.	UNB
2016	
Olhos sem tarja: depoimentos de quem enxerga a depressão, de Cristiano Eduardo Faria.	UBC

FONTE: Site da Expocom.

Nesse contexto de produções acadêmicas e premiações promovedoras do livro-reportagem pautado por temas diretamente ligados aos direitos humanos, não podemos ir muito longe, por enquanto, e generalizar. Muitas perguntas ainda precisam ser respondidas.

5. Conclusões possíveis

A questão principal é se a tendência aqui exposta pode ser confirmada, e como, considerando que, no avolumar da pesquisa, novos procedimentos metodológicos deverão ser adotados, como uma plataforma eletrônica virtual com informações de diversas fontes (instituições de ensino e premiações, especialmente) para cruzamento de dados e tentativas de avanço até possíveis respostas a questões fundamentais.

Algumas delas: a preferência dos graduandos pelo livro-reportagem tem alguma correlação com o tipo de instituição de ensino superior, pública ou privada? E com o perfil socioeconômico dos alunos? E com a região onde está localizado o curso? Qual o percentual de longas narrativas jornalísticas em livro em relação aos outros tipos de TCCs? Como é a distribuição dessas produções pelo menos em São Paulo e Região Metropolitana, que concentra a maioria das graduações em Jornalismo do país? Os formandos levam as mesmas demandas para a vida profissional? É possível e necessário subdividir pautas humanitárias abordadas nos livros-reportagem em categorias específicas como arte e saúde, conforme fizemos neste artigo? E quanto aos tipos de livro-reportagem, qual seria o ganho teórico em categorizar as produções?

A propósito dessa última pergunta, quanto às tipologias possíveis, poderíamos subsidiar a rediscussão das categorizações de Lima (2009, pp. 51-59), autor que indica 13 tipos de livro-reportagem, mas desenvolve pouco ou nada a conceituação dos mesmos. Perguntamos, por exemplo, se a tendência ao “livro-reportagem-depoimento” (p. 52) decorre da relativa facilidade em colher e publicar entrevistas ou se a tendência a temas contemporâneos pode redimensionar o “livro-reportagem-instantâneo” (p. 57).

No próximo artigo atualizador desta pesquisa pretendemos ter avançado nas respostas a algumas dessas questões derivadas da interrogante de base, sobre a longa narrativa jornalística em livro produzida pelos graduandos tende aos direitos humanos.

NOTAS

- 1 A primeira versão deste artigo foi apresentada no 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em Santa Catarina, em 2016. No mesmo ano, ele foi republicado como introdução ao primeiro volume da coletânea Textos para livro-reportagem, que reúne produções de graduandos candidatos a escrever a longa narrativa em livro. Nesta versão, reescrevemos praticamente todo o texto e atualizamos os dados sobre trabalhos de conclusão de curso dos alunos da instituição pesquisada na capital paulista até o final de 2017, haja vista que em abril do mesmo ano os produtos, temas e orientadores dos formandos estavam definidos. Assim, avançamos três semestres em relação às informações coligidas na primeira versão deste artigo.
- 2 O número de alunos foi fornecido pela coordenação do FIAM FAAM – Centro Universitário. Além da graduação, a instituição mantém desde 2015 o Mestrado Profissional em Jornalismo, ano a partir do qual passamos a recolher informações sobre os trabalhos práticos e teóricos dos graduandos.
- 3 Recuperado www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf. Acesso em 30/07/2016.
- 4 http://fenaj.web2015.uni5.net/wp-content/uploads/2014/06/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em 30/07/2016.
- 5 www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=3433. Acesso em 30/07/2016.
- 6 www.abraji.org.br/home?id=90&id_noticia=3065. Acesso em 29/04/2017.
- 7 www.portalintercom.org.br/premios_new/expocom/apresentacao11. Acesso em 30/07/2016.

REFERÊNCIAS

Adorno, S. (2010). História e desventura: o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos. *Novos estudos – CEBRAP*. 86, 05-20.

Antônio, J. (2001). *Abraçado ao meu Rancor*. São Paulo: Cosac & Naify Edições.

Bagno, M. (2007). *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola.

Besson, Jean-Louis. (Org.). (1995). *A Ilusão das Estatísticas* (Sader, Emir, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (Obra original publicada em 1992).

Brito, F. (2013). A ruptura dos direitos humanos na filosofia política de Hannah Arendt. *Kriterion: revista da Filosofia*, 54 (127), 177-196.

Carmona, A. *Nós Somos os Mods: um fenômeno tipicamente britânico na cena underground paulistana*. (2016). São Paulo: Editora Casa Flutuante.

Castro, F., Costa, L., Kobayashi, M., Marquesini, J., & Munhoz, R.. Quelê: a voz da cor – obra e legado de Clementina de Jesus. (2012, setembro). *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Fortaleza, CE, Brasil, 35.

Descartes, R. (2001). *Discurso do método*. (Ermantina, Maria, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Obra original publicada em 1989).

Engelmann, F., Madeira, L. M. (2015). A causa e as políticas de direitos humanos no Brasil. *Caderno CRH*. 28 (75), 623-637.

Faria, Cristiano E., Franco, Cauê M. L., Gonçalves, Lucimar, & Leal, Lia (2016, setembro) . Qual o papel do livro-reportagem na descoberta de pessoas que representam uma época?. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 39. Recuperado de <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/expocom/EX53-0237-1.pdf>

Fernandes, K. B., Moura, A. S., & Pereira, B. A. (2014, setembro). Auri, a anfitriã: memórias do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 37.

Ferreira, L. G. A. (2015). *...que acenda a primeira pedra. Ecos da Cracolândia de Belo Horizonte*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

Freitas, R. C. S. B., Santos, E. C. V., & Silva, E. F. (2013, setembro). Lento caminhar – histórias e canções de Edésio Santos. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Manaus, AM, Brasil, 36.

Lima, E. P. (2009). *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (Ed. rev.). Barueri: Manole.

Medina, C. (1994). Sob o signo do diálogo – relato de experiência: projeto São Paulo de Perfil. *Comunicação e Educação*, 01(1), 93-104.

Medina, C. (1995). *Entrevista: O Diálogo Possível*. São Paulo: Ática.

Medina, C. (2003). *A Arte de Tecer o Presente: narrativa e cotidiano* (2003). São Paulo: Summus.

Medina, C. (2008). *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus.

Medina, C. (2010). O criador da assinatura coletiva. Medina, C. (Org.). In *Liberdade de Expressão, Direito à Informação nas Sociedades Latino-americanas* (pp. 145-155). Série Novo Pacto da Ciência (Vol., 11). São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.

Medina, C. (2014). Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. *Tríade: comunicação, cultura e mídia*, 02 (04), 8-22.

Morin, E. (2010). *A Cabeça Bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (Jacobina, Eloá, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Paula, J., & Sá, S. (2015, setembro). Estamos aqui: histórias das vítimas de conflito no leste africano. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de <http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/expocom/EX46-0239-1.pdf>

Rodrigues, J. V. (2015). *Crimes de maio de 2006: as + de 500 mortes no revide aos ataques do PCC em São Paulo*. São Paulo: Editora Casa Flutuante.

Santana, A. S. A. L. (2009). *Sentidos da Metrópole: série São Paulo de Perfil na mediação do espaço público*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP), Escola de Comunicações e Artes (ECA), São Paulo, SP, Brasil.

Souza, I. P. S. (2015). *Filho do Estado*. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, São Paulo, Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), São Paulo, SP, Brasil

Vieira, J. C. (2005). *Democracia e Direitos Humanos no Brasil*. São Paulo: Loyola.

Thiollent, M. (org). (1987). *Crítica Metodológica, Investigação Social e*

Enquete Operária. São Paulo: Polis.

Zibordi, Marcos (org.). (2016). *Textos para Livro-reportagem*. São Paulo: Editora Casa Flutuante.

Marcos Antônio Zibordi. Jornalista, professor e pesquisador interessado no formato livro-reportagem. Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), mestrado em Estudos Literários (UFPR) e doutorado em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Já orientou mais de 70 TCCs de livro-reportagem. Atua no monitoramento e crítica do UOL. E-mail: mzibordi@hotmail.com

RECEBIDO EM: 30/04/2017 | ACEITO EM: 20/08/2017